

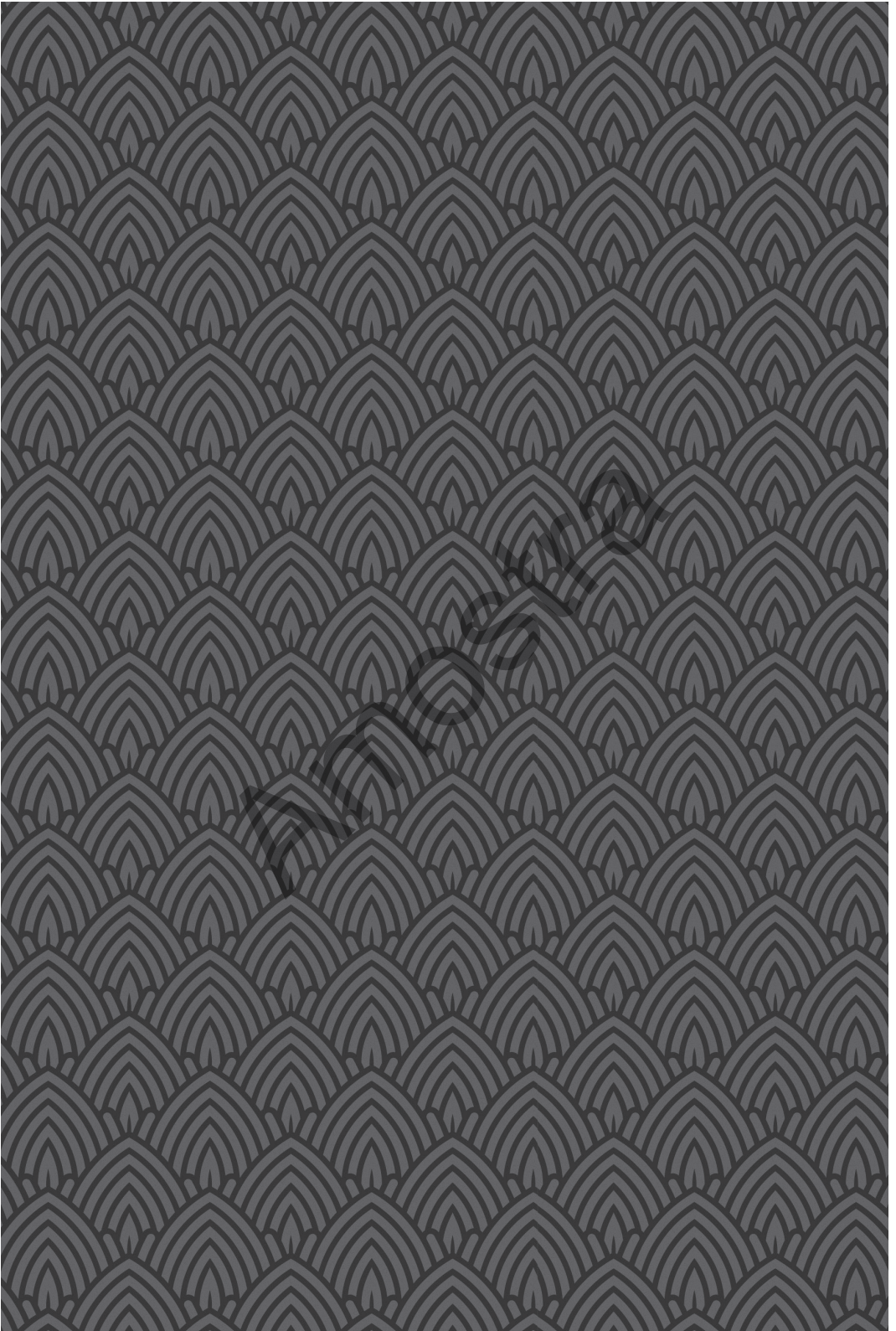
CHLOE GONG

FINAIS
VIOLENTOS

TRADUÇÃO DE
GIOVANNA CHINELLATO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023



Um

JANEIRO, 1927

O Ano-Novo passou com tanta fanfarra em Xangai que a sensação de festa ainda permeava a cidade uma semana depois. Estava na forma como as pessoas caminhavam, no saltinho a mais em suas passadas e no brilho dos olhos conforme se debruçavam sobre os assentos do cinema Grand Theatre, para sussurrar algo aos colegas. Era o jazz alto da boate lá do outro lado da rua, o ar frio dos leques de bambu se agitando em cores rápidas, o cheiro de fritura que invadia a sala de exposições, apesar das estritas regras da Sala Um. Celebrar o primeiro dia do calendário gregoriano era um costume ocidental, mas o Ocidente há muito penetrara suas raízes na cidade.

O surto em Xangai havia passado. As ruas voltaram à decadência ruidosa e às noites sem fim — como essa, em que o público do Grand Theatre podia assistir a um filme e depois se demorar às margens do Rio Huangpu até o amanhecer. Afinal, não havia mais uma criatura espreitando na água. Já fazia seis meses que o monstro de Xangai morrera baleado e fora abandonado para apodrecer em um cais no Bund. Agora, a única coisa com a qual os civis precisavam se preocupar eram os gângsteres... e o número crescente de corpos com buracos de tiro que apareciam nas ruas.

Juliette Cai espiou por cima do parapeito, observando o primeiro andar da Sala Um. Daquele ponto estratégico, podia ver quase tudo que estava abaixo, detectando cada minúsculo detalhe em meio ao caos que fervilhava sob as luminárias douradas. Infelizmente, teria sido mais útil se estivesse lá, socializando com o comerciante com quem fora enviada para lidar, em vez

de observá-lo à distância. Os lugares no segundo andar foram o melhor que arranjava. A missão lhe havia sido dada de última hora, tarde demais para que conseguisse algo mais adequado no quesito socialização.

— Você vai ficar com essa cara a noite toda?

Juliette se virou, estreitando os olhos para a prima. Kathleen Lang seguia logo atrás, a boca formando um sorriso torto enquanto as pessoas ao redor procuravam os assentos antes de o filme começar.

— Vou — resmungou Juliette. — Eu tinha tanta coisa melhor para fazer.

Kathleen revirou os olhos e apontou, em silêncio, ao encontrar os lugares marcados nos ingressos. Os canhotos em sua mão haviam sido destacados grosseiramente, já que a cartola do rapaz uniformizado da entrada lhe havia caído sobre os olhos, empurrada pela multidão que se aglomerava no pórtico. Ele mal teve tempo de se recuperar, antes que mais tiquetes fossem balançados em sua cara, enquanto estrangeiros e chineses ricos torciam o nariz para a demora. Em lugares como esse, esperava-se um serviço melhor. Os valores dos ingressos eram altos o bastante para fazer do Grand Theatre uma *experiência*, com os tetos de viga em arco e os parapeitos de ferro forjado, o mármore italiano e as placas de delicada caligrafia — apenas em inglês, não se via mandarim em lugar algum.

— O que poderia ser mais importante do que isso? — perguntou Kathleen. As duas se sentaram na fileira da frente do segundo andar, uma visão perfeita tanto da tela quanto das pessoas no térreo. — Ficar olhando irritada para a parede do seu quarto, como tem feito nesses últimos meses?

Juliette franziu o cenho.

— Não é só isso que tenho feito.

— Ah, perdão. Como pude me esquecer? Gritar com políticos também.

Bufando, Juliette se afundou no assento e cruzou os braços, apertando-os contra o peito, as contas ao longo da manga tilintando alto contra as do colo. Por mais irritante que fosse o som, contribuía com apenas uma fração do barulho caótico do lugar.

— *Bàba* já está no meu pé por ter irritado aquele Nacionalista — resmungou, começando a fazer um inventário da multidão abaixo, associando

mentalmente nomes a rostos e registrando quem poderia notar que ela estava ali. — Não comece você também.

Kathleen fez um muxoxo e apoiou o cotovelo no braço compartilhado entre as duas poltronas.

— Só estou preocupada, *biāomèi*.

— Preocupada com o quê? Eu sempre grito com as pessoas.

— Lorde Cai não costuma te dar bronca. Acho que pode ser um indício de que...

Juliette se lançou para frente. Por puro instinto, um arquejo lhe subiu à garganta, mas ela se recusou a deixá-lo escapar e, em vez disso, o som se alojou com firmeza no lugar e uma sensação fria como gelo se instalou atrás de sua língua. Kathleen imediatamente ficou alerta também, correndo os olhos pelo andar de baixo para procurar o que quer que tivesse deixado a prima pálida daquele jeito.

— O quê? — perguntou, insistente. — O que foi? Devo chamar reforços?

— Não — sussurrou Juliette, engolindo em seco. A luz da sala diminuiu. Aproveitando a deixa, os rapazes uniformizados começaram a caminhar entre os corredores, forçando a multidão a se acomodar para assistir ao filme. — Não é nada de mais.

As sobrancelhas de Kathleen estavam franzidas, ainda procurando.

— O *que* foi?

Juliette apenas apontou, observando enquanto a prima acompanhava a direção indicada. O reconhecimento lhe cruzou a expressão enquanto ambas viam a figura solitária que abria caminho por entre o público.

— Parece que não somos as únicas com uma missão por aqui.

Lá no térreo, com ares de quem não tinha preocupação alguma no mundo, Roma Montagov sorriu e parou em frente ao comerciante que elas estavam vigiando, oferecendo-lhe a mão para um aperto.

Juliette cerrou os punhos sobre o colo.

Não via Roma desde outubro, desde que os primeiros protestos em Nanshi abalaram a cidade e se tornaram um precedente para os que vieram em seguida, quando o inverno caiu sobre Xangai. Ela não o vira em pessoa, mas sentira sua presença em todo lugar: nos corpos amontoados

pela cidade, com flores brancas como lírios nas mãos rígidas; nos parceiros comerciais desaparecendo do nada, sem qualquer aviso ou explicação; na guerra de sangue que deixava sua marca. Desde que começaram os rumores de um confronto entre Roma Montagov e Tyler Cai, a disputa voltara aos piores níveis. Nenhuma das duas organizações precisava se preocupar mais com os números sendo reduzidos pelo surto. Em vez disso, seus pensamentos se voltaram para retaliação e honra e, como línguas diferentes contavam versões distintas do que acontecera naquele dia entre os círculos internos da Sociedade Escarlate e dos Rosas Brancas, as únicas verdades estabelecidas foram: num minúsculo hospital na periferia de Xangai, Roma Montagov atirara em Tyler Cai e, para proteger o primo, Juliette Cai matara Marshall Seo a sangue frio.

Agora os dois lados buscavam vingança. Os Rosas Brancas pressionavam a Sociedade Escarlate com uma nova urgência, e os Escarlates reagiam à altura. Precisavam reagir. Não importava o quanto fossem cuidadosos ao cooperar com os Nacionalistas, cada habitante da cidade podia sentir que algo estava mudando, podia ver que as aglomerações aumentavam a cada vez que os Comunistas tentavam uma greve. O cenário político estava prestes a mudar, prestes a engolir essa vida fora da lei; para as duas organizações que atualmente governavam a cidade, era uma questão de escolher entre a violência agora, para garantir o poder, ou arrepender-se depois, caso uma força maior assumisse o controle e não houvesse chances de recuperar o território perdido.

— Juliette — chamou Kathleen suavemente. Os olhos da prima saltavam dela para Roma. — O que aconteceu entre vocês?

Juliette não tinha uma resposta para dar, assim como não tivera das outras vezes em que lhe fizeram aquela pergunta. Kathleen merecia uma explicação melhor, merecia saber por que a cidade estava dizendo que ela matara Marshall Seo à queima-roupa, se antes era tão amigável com ele, por que Roma Montagov estava deixando flores em todo lugar que passava, em escárnio às vítimas da guerra, quando antes fora tão gentil com Juliette. Porém, ter mais uma pessoa a par do segredo seria ter mais alguém arrastado para aquela bagunça. Mais um alvo para o escrutínio de Tyler... mais um alvo para sua arma.

Melhor não dizer nada. Melhor seguir fingindo, até que, *talvez*, surtisse uma chance de resgatar a cidade do estado despedaçado em que se encontrava.

— O filme vai começar — disse, no lugar de uma resposta.

— *Juliette* — insistiu Kathleen.

Juliette cerrou os dentes com força e se perguntou se seu tom ainda enganava alguém. Em Nova York sabia mentir tão bem, sabia se passar por outra pessoa completamente diferente e enganar a todos. Mas aqueles últimos meses a estavam desgastando até não restar nada de si, a não ser... ela mesma.

— Ele não está fazendo nada. Olhe, está indo se sentar.

De fato, Roma parecia estar se afastando do comerciante após cumprimentá-lo, acomodando-se numa poltrona do canto, duas fileiras atrás. Aquilo não precisava piorar. Os dois não precisavam entrar em confronto. Juliette podia observá-lo em silêncio de onde estava e se certificar de abordar o homem primeiro, quando viesse o intervalo. A Sociedade Escarlate raramente ia atrás de um novo cliente; esperavam que a clientela viesse até *elas*. Mas aquele comerciante não se metia com drogas como o resto. Ele ancorara em Xangai na semana anterior, trazendo tecnologia britânica — sabe-se lá de que tipo. Os pais dela não foram específicos ao repassar a missão, disseram apenas que eram alguns tipos de armas, e que a Sociedade Escarlate queria adquirir o arsenal.

Se os Rosas Brancas estavam tentando entrar nessa também, só podia ser algo grande. Juliette fez uma nota mental para se lembrar de pedir mais detalhes assim que chegasse em casa.

As luzes se apagaram. Kathleen olhou por cima dos ombros, enrolando os dedos na manga frouxa do casaco.

— Relaxa — sussurrou Juliette. — O que você está prestes a assistir veio direto da estreia, em Manhattan. É entretenimento de qualidade.

O filme começou. A Sala Um era a maior do Grand Theatre, e o som orquestral ressoava de todos os lados. Cada assento era equipado com o próprio sistema de tradução, que lia em voz alta os textos que apareciam no filme mudo. O casal à esquerda de Juliette usava os equipamentos na orelha,

murmurando animados entre si enquanto as falas eram traduzidas para o mandarim. Juliette não precisava do aparelho, não apenas porque sabia ler inglês, mas porque não estava de fato assistindo ao filme. Seus olhos, não importava o quanto se esforçasse, ficavam se desviando lá para baixo.

Não seja tola, repreendeu-se. Havia mergulhado de cabeça na situação. Não iria se arrepender. Fez o que precisava ser feito.

Mesmo assim, não conseguia parar de encará-lo.

Haviam se passado apenas três meses, mas Roma estava mudado. Ela já sabia disso, é claro, por conta dos relatórios que chegavam às suas mãos sobre gângsteres mortos com caracteres coreanos ao lado, escritos com sangue. E graças aos corpos que se amontoavam cada vez mais no interior do território Escarlata, como se os Rosas Brancas estivessem testando os limites que podiam ultrapassar. Era improvável que Roma estivesse atrás de Escarlates especificamente para matá-los como vingança — ele não ousaria ir *tão* longe assim —, mas, a cada novo conflito, a mensagem era clara: *Você fez isso, Juliette*.

Fora ela quem havia piorado a guerra, puxado o gatilho em Marshall Seo e dito na cara de Roma que tudo o que acontecera entre eles não passava de uma mentira. Agora, todo o rastro de sangue que ele deixava para trás era sua vingança.

Ele também se vestia de acordo. Em algum momento, trocou os ternos escuros por cores claras: um paletó creme, uma gravata dourada e abotoaduras que reluziam a cada vez que a tela piscava branco. Sua postura era rígida, não mais desleixada para aparentar casualidade; nada de pernas esticadas a fim de se afundar na cadeira e evitar chamar a atenção de alguém que corresse os olhos pela sala.

Roma Montagov não era mais o herdeiro que conspirava nas sombras. Parecia estar cansado de ser visto pela cidade como aquele que corta gargantas no escuro, aquele de coração frágil como carvão e roupas do mesmo tom.

Agora, ele se parecia com um Rosa Branca. Parecia-se com o pai.

Pela visão periférica, Juliette captou um movimento de relance. Ela piscou, desviando o foco de Roma e procurando entre os assentos do outro lado do corredor. Por um momento, teve certeza de que fora apenas um engano,

uma mecha de cabelo que se soltara de seus cachos e caíra sobre seus olhos. Então a tela piscou branco mais uma vez, enquanto um trem descarrilhava no Velho Oeste, e Juliette viu a silhueta se erguer em meio ao público.

O rosto do homem se escondia nas sombras, mas a arma em sua mão estava bem iluminada.

E apontava diretamente para o comerciante na fileira da frente, com quem Juliette ainda precisava conversar.

— De jeito *nenhum* — murmurou, irritada, sacando a pistola amarrada na coxa.

A tela escureceu, mas ela mirou mesmo assim. Um segundo antes de o atirador agir, Juliette puxou o gatilho com um *bang* alto.

O coice do disparo pressionou-a de volta ao assento, os dentes cerrados, enquanto o homem deixava cair a arma, o ombro ferido. O som mal chamou atenção, já que também houve um tiroteio no filme que abafou o grito que lhe escapou da boca e encobriu a fumaça que saía do cano da pistola dela. Embora o filme fosse mudo, a orquestra de fundo tinha um címbalo ensurdecedor, e todos presumiram que o tiro havia sido parte da cena.

Todos, exceto Roma, que imediatamente se virou e olhou para cima, procurando a origem do disparo.

E ele a encontrou.

Os olhares dos dois se cruzaram e o *clique* do reconhecimento mútuo foi tão forte que Juliette sentiu uma mudança física na coluna, como se o corpo estivesse finalmente se realinhando após meses fora de forma. Ela estava paralisada, o ar preso na garganta, os olhos arregalados.

Até que Roma sacou a arma do bolso do paletó, e ela não teve escolha senão despertar do estado de choque. Em vez de combater o assassino, ele decidira atirar *nela*.

Três balas sibilaram ao lado de sua orelha. Ofegante, Juliette se jogou no chão, os joelhos raspando no carpete com o movimento brusco. O casal à sua esquerda começou a gritar.

O público percebera que os tiros não eram parte da trilha sonora.

— Certo — sussurrou Juliette. — Ele ainda está bravo comigo.

— O que foi *isso*? — exigiu saber Kathleen. A prima também se abaixou depressa, usando o parapeito do segundo andar para se proteger. — Você atirou na plateia? Aquele era Roma Montagov atirando de volta?

Juliette repuxou os lábios numa careta.

— Sim.

O som do andar inferior parecia de uma debandada. As pessoas do segundo piso certamente já entravam em pânico também, levantando apressadas e correndo para as saídas, mas as duas portas nas laterais da sala — marcadas com PAR e ÍMPAR para a organização dos assentos — eram bastante estreitas, e a única coisa que a multidão conseguiu foi criar um grande funil.

Kathleen fez um barulho indecifrável.

— *Ele não está fazendo nada... está se sentando!*

— Ah, não brinque comigo! — sibilou Juliette.

A situação não era ideal, mas ela daria um jeito.

Levantou-se, cautelosa.

— Alguém estava tentando atirar no comerciante.

Espiou por cima do parapeito. Não encontrou Roma em lugar algum, mas viu o comerciante ajustando o terno ao redor da barriga e segurando o chapéu de palha na cabeça, ao tentar seguir o fluxo para fora do cinema.

— Vá descobrir quem é — disse Kathleen depressa. — Seu pai te arranca o couro se esse comerciante for assassinado.

— Sei que você está brincando — murmurou Juliette —, mas pode ser que tenha razão. — Enfiou a pistola na mão da prima e correu, gritando por sobre os ombros: — Fale com o comerciante por mim! *Merci!*

O funil à porta já havia afinado o suficiente para que ela conseguisse se esgueirar para o salão do segundo andar, que dava acesso à Sala Um. Mulheres vestidas com *qipao* de seda gritavam inconsolavelmente umas para as outras, e oficiais britânicos se amontavam no canto para perguntar aos histéricos o que estava acontecendo. Juliette ignorou a todos, empurrando quem estivesse pela frente para chegar às escadas e descer ao térreo, por onde o comerciante sairia.

Ela freou, derrapando. A escadaria estava lotada demais. Seus olhos correram para o lado, para a escada de serviço, e ela escancarou a porta

sem pensar duas vezes, atravessando-a. Conhecia o cinema, pois era território Escarlata, e Juliette passara partes da infância perambulando pelo prédio, espiando diferentes salas quando a Ama estava distraída. Embora a escadaria principal fosse de uma estrutura grandiosa, com piso polido e corrimãos arqueados de madeira, a escada de serviço era de cimento e sem janelas, dependendo apenas de uma pequena lâmpada pendurada no patamar central para iluminá-la.

Seus saltos batiam alto contra o cimento ao virar a curva do segundo lance. Ela parou imediatamente.

Esperando ali, na porta que levava ao salão principal, estava Roma, com a arma erguida.

Juliette supôs que havia se tornado previsível.

— Você estava a três passos do comerciante — disse, surpresa com a neutralidade em sua voz. *Tā mā de*. Havia uma faca amarrada à sua perna, mas, até que conseguisse sacá-la, Roma teria tempo mais do que suficiente para atirar. — Você o deixou só para me encontrar? Estou lisonjeada...

Juliette sibilou, jogando-se para o lado. Sua bochecha queimava, inchando assustadoramente graças ao contato com as balas que voavam perto de sua cabeça. Antes que Roma pudesse sequer pensar em atirar de novo, ela estudou depressa as opções que tinha e mergulhou pela porta atrás de si, entrando num almoxarifado.

Não estava tentando escapar. O cômodo não tinha saída, era apenas uma sala pequena lotada de cadeiras empilhadas e teias de aranha. Ela só precisava...

Outra bala zuniu perto de seu braço.

— Você vai explodir este lugar — gritou, irritada, virando-se. Havia chegado ao final da sala, as costas pressionadas contra a grossa tubulação que corria pelas paredes. — Alguns destes canos são de gás. Se você abrir um buraco em um deles, o fogo vai se espalhar pelo cinema inteiro.

Roma não se sentiu ameaçado. Era como se não a escutasse. Seus olhos se estreitaram, sua expressão se fechou. Ele parecia um estranho — um forasteiro, de fato, como um menino que vestira uma fantasia sem imaginar

como serviria bem. Mesmo sob as luzes fracas, o dourado de suas roupas reluzia, tão brilhante quanto os letreiros na fachada do cinema.

Juliette queria gritar ao ver no que ele se transformara. Mal conseguia respirar, e estaria mentindo se dissesse que era por conta do cansaço.

— Você ouviu o que eu disse? — Ela analisou a distância entre eles. — Abaixei essa arma...

— *Você* está se ouvindo? — interrompeu Roma. Com três passos largos ele estava perto o suficiente para apontar a pistola direto para o rosto dela. Juliette podia sentir o calor do cano, o aço quente a poucos centímetros de sua pele. — Você matou Marshall. Você o matou há meses, e eu não ouvi uma palavra, uma explicação de sua parte...

— Não tem explicação.

Roma pensava que ela era um monstro. Pensava que Juliette o odiava o tempo todo, tão ferozmente a ponto de destruir tudo o que ele amava, e *precisava* pensar assim para continuar vivo. Juliette se recusava a arrastá-lo junto, só porque *ela* era fraca.

— Eu o matei porque ele precisava morrer — disse. Ela esticou o braço e torceu a arma para fora da mão de Roma, deixando-a cair aos pés dos dois. — Assim como vou matar você. Assim como não vou parar até que você me mate...

Ele a empurrou contra os canos.

O movimento foi tão forte que Juliette sentiu gosto de sangue nos lábios, cortados pelos próprios dentes afiados. Sufocou um arquejo, depois outro, quando Roma, com um olhar assassino, fechou a mão em sua garganta.

Juliette não estava com medo. Quando muito, estava ressentida — não com Roma, mas consigo mesma. Com o desejo de se inclinar na direção dele, mesmo quando ele estava tentando de fato matá-la. Com a distância que ela mesma criara propositalmente entre os dois, porque haviam nascido em duas famílias em guerra, e preferia morrer pelas mãos de Roma do que causar sua morte.

Mais ninguém vai morrer para me proteger. Roma explodira uma casa inteira, cheia de gente, para mantê-la segura. Tyler e seus Escarlates entrariam num frenesi assassino sob o pretexto de defendê-la, mesmo que também

desejassem sua morte. Era tudo a mesma coisa. Era aquela cidade, dividida por nomes, cores e territórios, mas que sangrava, de alguma forma, o mesmo tom de violência.

— Vá em frente — disse, com esforço.

Não estava falando sério. Conhecia Roma Montagov. Ele pensava que a queria morta, mas o fato era que Roma nunca errava e, mesmo assim, o havia feito: todas aquelas balas cravadas na parede em vez de na cabeça de Juliette. O fato era que ele tinha as mãos ao redor de sua garganta, mas ela ainda respirava, ainda conseguia inspirar além da podridão e do ódio que os dedos dele tentavam incrustar em sua pele.

Juliette finalmente sacou a faca. No instante em que Roma se inclinou para frente, talvez determinado a matá-la, a mão dela se fechou ao redor do cabo sob seu vestido e puxou a lâmina, cortando o que quer que estivesse no caminho. Roma chiou, soltando-a. Fora um corte superficial, mas ele levou o braço ao peito, e ela o acompanhou de perto, erguendo a faca para a garganta dele.

— Isso aqui é território Escarlata. — As palavras eram neutras, mas custava-lhe todo o esforço do mundo mantê-las assim. — Não se esqueça.

Roma ficou rígido. Encarou-a, completamente inexpressivo, enquanto o momento se estendia... o bastante para Juliette pensar que ele iria se render.

Mas, em vez disso, Roma se inclinou sobre a lâmina até que o metal estivesse pressionado diretamente contra seu pescoço, a um fio de cabelo de penetrar a pele e derramar sangue.

— Então vai — disse, entredentes. Ele soava bravo... Soava *atormentado*. — Me mata.

Juliette não se mexeu. Deve ter hesitado por um segundo a mais do que deveria, pois a expressão de Roma se transformou em deboche.

— Por que parou?

O gosto de sangue ainda era forte dentro de sua boca. Num movimento rápido, ela girou a lâmina e golpeou a têmpora dele com o cabo. Roma piscou e caiu como uma pedra, mas Juliette jogou a faca longe e se apressou a segurá-lo. Assim que suas mãos o envolveram, ela soltou o ar aliviada, impedindo que a cabeça dele batesse contra o chão duro.

Juliette suspirou. Em seus braços, ele parecia muito sólido e mais real do que nunca. À distância, a segurança dele era apenas um conceito abstrato, longe das ameaças que os Escarlates representavam. Mas aqui, com a pulsação de Roma martelando contra o peito no mesmo ritmo que a dela, ele era apenas um menino, um coração cheio de sangue que batia e podia ser dilacerado a qualquer momento, se a lâmina fosse afiada o suficiente.

— *“Por que parou?”* — imitou Juliette, rancorosa. Com delicadeza, colocou-o no chão, tirando-lhe o cabelo cheio de gel de cima dos olhos. — Porque, mesmo que você me odeie, Roma Montagov, eu ainda te amo.

Amostra

Dois

Roma sentiu primeiro o empurrão no ombro. Depois, a rigidez dos músculos. Então a horrível dor que latejava em sua cabeça.

— Credo! — chiou, acordando.

Assim que a visão ficou nítida, ele percebeu a bota preta responsável pelo empurrão, atrelada à última pessoa que desejava encontrar naquele estado, caído no chão.

— Que merda aconteceu aqui? — questionou Dimitri Voronin, de braços cruzados à frente do peito.

Atrás dele estavam outros três Rosas Brancas, que inspecionavam o almoxarifado com uma atenção minuciosa, observando os buracos de bala na parede.

— Juliette Cai — murmurou Roma, levantando-se com dificuldade. — Ela me nocauteou.

— Parece que você teve sorte de ela não ter te matado.

Ele deu um tapa na parede, esfregando reboco despedaçado e poeira na palma da mão. Roma não se deu ao trabalho de dizer que todas aquelas balas eram suas. Não era como se Dimitri estivesse ali para ajudar. Provavelmente havia reunido reforços assim que soube do tiroteio do Grand Theatre, ansioso para estar onde houvesse caos. Ele estivera por todos os cantos nos últimos meses, desde que perdera os acontecimentos no hospital e teve que juntar as peças depois para saber o que acontecera entre os Rosas Brancas e a Sociedade Escarlata, assim como todo mundo. Dimitri Voronin não seria deixado de fora de mais nenhuma grande disputa. Ao menor sinal de per-

turbação na cidade — por mais ínfima que fosse —, se envolvesse a guerra de sangue, ele agora seria o primeiro em cena.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Roma. Ele tocou a bochecha, estremeçando com o hematoma que se espalhara. — Meu pai *me* enviou.

— É, bom, essa não foi uma decisão muito boa, não é? Nós vimos o comerciante lá fora batendo um ótimo papo com Kathleen Lang.

Roma mordeu os lábios para conter o palavrão. Queria cuspi-lo no chão, mas Dimitri estava olhando, então apenas se virou, pegando a pistola caída.

— Não importa. Amanhã é um novo dia. Hora de ir embora.

— Vai desistir fácil assim?

— Este território é *Escarlate*...

Um apito soou do lado de fora, ecoando pela escada de serviço. Desta vez, Roma xingou em voz alta, guardando a pistola antes que a *garde municipale* entrasse de súbito no almoxarifado, os cassetetes em punho. Por algum motivo, os oficiais viram os Rosas Brancas e decidiram dirigir sua atenção a Dimitri, os olhos focados nas armas.

— *Lâche le pistolet* — ordenou o homem à frente. Seu cinto reluziu, as algemas de metal brilhando sob a luz fraca. — *Lâche-moi ça et lève les mains*.

Dimitri não acatou a ordem, não soltou a arma que casualmente pendia de seus dedos, nem colocou as mãos para o alto. A recusa parecia uma insolência, mas Roma sabia a verdade: ele não falava francês.

— Você não manda em nós — retrucou Dimitri em russo. — Então por que não vai embora e...

— *Ça va maintenant* — interrompeu Roma. — *J'ai entendu une dispute dehors du théâtre. Allez l'investiguer*.

Os oficiais da *garde municipale* estreitaram os olhos, sem saber se deveriam seguir as instruções dele — se havia mesmo um incidente lá fora ou se o rapaz estava blefando. Era de fato mentira, mas Roma apenas disparou um “Andem!” de novo, e a *garde municipale* foi embora.

Era nisso que havia se esforçado tanto para se transformar. Era essa pessoa que fazia todo o possível para continuar sendo. Alguém que tinha poder de comando, mesmo quando os oficiais eram Escarlates.

— Impressionante — disse Dimitri, quando restaram apenas os Rosas Brancas de novo. — Sério, Roma, é muito...

— Cala a boca — disse Roma, ríspido. O efeito foi imediato. Queria poder sentir alguma satisfação pelo rubor que subiu o pescoço de Dimitri, pela risadinha de diversão dos capangas que o acompanhavam, mas tudo o que sentia era um vazio. — Da próxima vez, não entre saltitando em um território controlado por estrangeiros se não sabe lidar com eles.

Roma marchou para fora do almoxarifado, os passos excessivamente agressivos ao tomar a escada de serviço de volta para o térreo. O sangue feria sob sua pele; era difícil dizer ao certo o que o irritara tanto: o comerciante escapulindo, o estranho assassino na plateia, a presença de Juliette.

Juliette. Ele bateu os pés com mais força ao sair do teatro, semicerrando os olhos para as nuvens cinzentas. Uma rajada de dor lhe subiu o braço e sua mão voou para o corte que Juliette fizera, pensando que se depararia com sangue acumulado, tão rançoso e morto quanto seus sentimentos por ela. Em vez disso, ao erguer a manga com cuidado, os dedos encontraram apenas um tecido macio.

Assustado, Roma parou na lateral da calçada e olhou para o braço. Havia sido enfaixado com elegância e preso com um nó.

— Isso é *seda*? — murmurou, franzindo o cenho.

Parecia seda. Parecia a seda do vestido de Juliette, rasgado na barra, mas *por que ela faria isso?*

Uma buzina soou na rua, chamando sua atenção. O carro que se aproximava devagar piscou os faróis, antes que o chofer no banco do motorista colocasse o braço para fora e acenasse para Roma. Ele não se moveu, o cenho ainda franzido.

— Sr. Montagov! — chamou o Rosa Branca finalmente, depois de um longo minuto. — Já podemos ir?

Roma suspirou e se apressou em direção ao carro.

Havia 22 vasos espalhados pela mansão Cai, todos cheios de rosas vermelhas. Juliette esticou o braço para envolver um botão em sua palma, desli-

zando o dedo ao longo da delicada borda da pétala. A noite já caíra havia muito tempo. Era tarde o bastante para que a maioria dos empregados já tivesse ido dormir, arrastando-se de pijamas até os quartos e desejando um bom descanso a Juliette quando passavam por ela no corredor. Imaginou que só a haviam cumprimentado porque era impossível ignorar a herdeira Escarlata deitada no chão, os braços abertos e as pernas esticadas na parede, enquanto esperava do lado de fora do escritório do pai. O último empregado dera boa noite havia mais de meia hora. Desde então, ela havia se levantado e começado a andar de um lado para o outro, para a profunda irritação de Kathleen. A prima ficara devidamente sentada em uma cadeira o tempo todo, com uma pasta repousando no colo.

— Mas sobre o que será que eles tanto falam? — resmungou Juliette, soltando a rosa. — Já se passaram *horas*. Que transfiram para outro dia...

A porta do escritório de Lorde Cai finalmente se abriu e revelou um Nacionalista que se despedia. Meses atrás, Juliette teria ficado curiosa com a reunião e pedido para ser atualizada. Agora, ver Nacionalistas indo e vindo pela casa se tornara tão comum que mal ligava. Era sempre a mesma coisa: acabar com os Comunistas, custe o que custar. Enchê-los de balas. Dividir suas uniões trabalhistas. Para eles, não importava como os Escarlates o fariam, desde que alcançassem o objetivo.

O Nacionalista se demorou à porta, então virou de costas, como se tivesse esquecido de dizer algo. Juliette estreitou os olhos. Ver Nacionalistas ali se tornara algo familiar para ela, é verdade, mas aquele... Havia diversas estrelas e insígnias decorando o uniforme militar. Um general, talvez.

Testando seus limites, Juliette esticou a mão para Kathleen, que, embora confusa, aceitou-a e pegou a pasta, ambas caminhando na direção do Nacionalista.

— Chega de senhores da guerra. — O homem espanou fiapos inexistentes do uniforme. — E chega de estrangeiros. Estamos entrando em um novo mundo, e se a Sociedade Escarlata virá conosco é questão de lealdade...

— Sim, sim — interrompeu Juliette, forçando a passagem por ele e puxando Kathleen junto. — Abençoado seja o Kuomintang, *wàn suì wàn suì wàn wàn suì...*

Ela começou a empurrar a porta.

— *Juliette* — disse Lorde Cai irritado.

A filha parou. Um brilho lhe subira aos olhos. O mesmo que reluzia quando os cozinheiros lhe traziam seu prato favorito. O mesmo quando via um colar de diamantes que queria muito na vitrine de uma loja de departamentos.

— Presente.

Lorde Cai se inclinou para trás em sua imensa cadeira e dobrou as mãos sobre o colo.

— Desculpe-se, por favor.

Juliette fez uma curta e despreocupada reverência. Quando olhou para o Nacionalista, ele a observava, cauteloso, mas não era o olhar desagradável dos homens da rua. Era algo muito mais estratégico.

— Por gentileza, aceite meu pedido de desculpas. Acredito que possa encontrar a saída sozinho, certo?

O homem tocou a ponta do chapéu. Embora lhe oferecesse um sorriso, como ditava a etiqueta, a expressão terminava antes de chegar aos olhos, mal enrugando os pés de galinha, sem qualquer sinal de empatia.

— É claro. Prazer em conhecê-la, Senhorita Cai.

Ele não havia sido apresentado a ela, então não se conheciam de fato. Mas Juliette não disse isso, apenas fechou a porta e revirou os olhos na direção de Kathleen.

— Tão *exaustivo*. Se está prestes a sair, que saia de uma vez.

— Juliette — chamou novamente Lorde Cai, de forma menos incisiva agora que o Nacionalista não estava presente para ela atormentá-lo. — Aquele era Shu Yang. General Shu. Sabe quem ele é? Tem ao menos acompanhado os jornais e o avanço da Expedição do Norte?

Juliette fez uma careta.

— *Bàba* — chamou ela, sentando-se em uma cadeira de frente para a mesa dele. Kathleen, em silêncio, fez o mesmo. — A Expedição do Norte é uma chatice só...

— Ela determinará o futuro de nosso país...

— Está bem, está bem... os *relatórios* são chatos. O General tal ou tal tomou esse pedaço de terra. A divisão tal ou tal do exército avançou mais um pouco. Eu quase choro de emoção quando o senhor me manda estrangular alguém, em vez disso. — Ela uniu as mãos em súplica. — Por favor, me deixe ficar só com os estrangulamentos.

O pai balançou a cabeça, não se dando ao trabalho de reagir à encenação, e seus olhos apenas se desviaram em direção à porta, pensativos.

— Preste atenção — disse ele, devagar. — O Kuomintang está mudando de esquema. Os céus sabem que eles não estão mais fingindo colaborar com os Comunistas. Não podemos mais ser descuidados.

Juliette apertou os lábios, mas não retrucou. A revolução estava vindo, não tinha como negar. A Expedição do Norte, era assim que a chamavam: tropas Nacionalistas marchando para o norte do país, combatendo os senhores da guerra que reinavam sobre regiões e fragmentos de terra, tomando territórios numa tentativa de unificar a China outra vez. Xangai seria a fortaleza final, a última peça antes que o falso pretexto de um governo nacional fosse completamente desmascarado, e, quando os exércitos chegassem, não haveria senhores de guerra para derrotar... apenas organizações mafiosas e estrangeiros.

Então a Sociedade Escarlate precisava escolher o lado certo antes que eles chegassem.

— É claro — disse Juliette. — Agora...

Ela gesticulou para Kathleen, que, meio hesitante, se inclinou na direção da mesa de Lorde Cai e lhe passou a pasta com cuidado.

— Você conseguiu? — perguntou Lorde Cai, ainda dirigindo-se a Juliette, mesmo tendo pegado a pasta com a outra jovem.

— Seria melhor o senhor enquadrar esse contrato — respondeu a filha. — Kathleen quase saiu no soco para consegui-lo.

A prima lhe deu uma cotovelada de leve, com um olhar de alerta. Em circunstâncias normais, ela não conseguiria parecer séria nem que tentasse, mas a luz fraca do cômodo ajudava. O lustre em miniatura que pendia do teto estava ajustado no ponto mais fraco, lançando longas sombras contra as paredes. As cortinas atrás da mesa de Lorde Cai estavam abertas, flutuando

de leve por conta da fresta deixada na janela. Juliette conhecia os antigos truques do pai. No ápice do inverno, como agora, a abertura mantinha o escritório gelado, e deixava alerta e tremendo qualquer visitante que, por educação, tirava o casaco.

Juliette e Kathleen não tiraram os seus.

— Sair no soco? — ecoou Lorde Cai. — Lang Selin, isso não é de seu feitio.

— Não houve socos, *Gūfū* — disse Kathleen depressa, lançando outro olhar fulminante para Juliette, que apenas sorriu em resposta. — Só um desentendimento entre algumas pessoas fora do Grand Theatre. Eu consegui tirar o comerciante em segurança, e ele ficou agradecido o suficiente a ponto de se sentar comigo para tomar um chá no hotel ao lado.

Lorde Cai assentiu. Enquanto corria os olhos pelos termos manuscritos, ele soltava sons de aprovação aqui e ali, o que, para um homem silencioso, significava que o acordo comercial melhorara seu humor.

— Não sei especificamente para o que o queríamos — apressou-se a explicar Kathleen quando ele fechou a pasta. — Então a escrita está bem vaga.

— Ah, não se preocupe — respondeu Lorde Cai. — O Kuomintang é quem está atrás do arsenal dele. Também não tenho detalhes.

Juliette piscou.

— Vamos entrar em uma parceria comercial sem sequer saber o que estamos negociando? — É claro que isso não era de muita importância. A Sociedade Escarlate estava acostumada a traficar drogas e mão de obra. Um novo item ilícito acrescentava apenas dois centímetros a um pergaminho que já era infinitamente longo, mas confiar de maneira tão cega nos Nacionalistas... — E, por falar nisso... — continuou, de repente, antes que o pai pudesse responder. — *Bàba*, tinha um *assassino* atrás do comerciante.

Lorde Cai não reagiu por um longo momento, o que significava que já estava sabendo. É claro que estava. Juliette pode ter precisado esperar horas para ver o próprio pai, encaixada no final de uma lista de espera cheia de Nacionalistas, estrangeiros e empresários, mas os mensageiros podiam ir e vir à vontade, deslizando para dentro do escritório e cochichando um rápido relatório na orelha dele.

— Sim — disse o pai por fim. — Provavelmente um Rosa Branca.

— Não.

Lorde Cai franziu o cenho e ergueu o olhar. Juliette havia discordado depressa demais e com muita empatia.

— Tinha um... Rosa Branca presente, que também estava tentando abordar o comerciante. — Os olhos dela correram sem querer para a janela, observando as lâmpadas douradas zumbirem nos jardins lá embaixo. A luz fazia as roseiras brilharem com o calor, destoando da real temperatura congelante àquela hora da noite. — Roma Montagov.

Seus olhos se voltaram para o escritório e ela engoliu em seco. Se o pai estivesse prestando atenção, a velocidade com que ela buscou sua reação a teria denunciado imediatamente, mas ele estava distante.

Juliette soltou o ar devagar.

— É curioso pensar por que o herdeiro Rosa Branca também estaria atrás do comerciante — murmurou Lorde Cai, meio que para si mesmo. Então ele balançou a mão. — De todo modo, não precisamos nos preocupar com um assassino amador. Talvez fosse um Comunista, ou qualquer facção contrária ao Exército Nacionalista. Vamos colocar homens Escarlates para proteger o comerciante de agora em diante. Ninguém ousaria tentar de novo.

O pai soava convicto. Mesmo assim, Juliette mordeu os lábios, não tão convencida. Alguns meses atrás, ninguém ousaria perturbar os Escarlates. Mas hoje?

— Chegou mais alguma carta?

Lorde Cai suspirou e entrelaçou os dedos.

— Selin, você deve estar cansada — disse ele.

— Já está mesmo na hora de eu ir dormir — respondeu Kathleen com tranquilidade, captando a deixa.

Ela saiu segundos depois, e a porta se fechou antes que Juliette pudesse lhe desejar boa noite. O pai deveria saber que a filha simplesmente contaria tudo à prima mais tarde. Ela supunha que aquilo o fazia se sentir melhor: pensar que o restante da família não estava envolvido nisso; que, quanto